

TRABALHO DE CAMPO: uma aventura mais que antropológica

Marivânia Conceição de ARAUJO*

RESUMO: Com esse texto procuro discutir a relação pesquisador/pesquisado, os resultados dessa relação para a pesquisa e a atividade empírica do trabalho de campo.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa, Campo, Hipóteses, Coleta e análise de dados.

SUMMARY: In this text I try to discuss the researcher/researched relation, the outcomes of this relation for the research and the empirical activity of field work.

KEY WORDS: Research, Field, Hypothesis, Collect and analysis of dice.

O presente texto foi escrito como introdução à dissertação de mestrado sob o título "Quando a comunidade não quer ser favela. Estudo sobre a construção da identidade social de "moradores de comunidade" numa ocupação de terras no Rio de Janeiro" e cujo tema central é a construção da identidade coletiva de um grupo de ocupantes de terras no subúrbio do Rio de Janeiro

O objetivo desse artigo é mostrar, através da descrição etnográfica do trabalho de campo, como o seu caminho é tortuoso, desde a primeira hipótese de pesquisa, a relação com o objeto, a coleta de dados, sua análise, relação com o arcabouço teórico, até o resultado final da pesquisa. Além de lançar um olhar sobre os problemas inesperados surgidos durante o trabalho de campo mas que, sem dúvida, contribuem para pesquisa.

O objetivo inicial da dissertação de mestrado (Araujo, 1997) era fazer um estudo sobre a maneira como um conjunto de migrantes nordestinos, residentes no Rio de Janeiro trata as questões da organização familiar e do casamento

*Aluna do curso de Doutorado em Sociologia da UNESP - Araraquara, linha de pesquisa Agricultura, Urbanização e Industrialização no Brasil. Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Maringá, PR.

(Araujo, 1994). A partir dessa análise, pretendia verificar se havia alguma relação de parentesco entre os migrantes nordestinos provenientes da área rural e residentes num bairro popular da cidade do Rio de Janeiro, entendendo a dinâmica das relações que estabeleciam, como se constituía a rede de parentesco no local de destino, a interação de uma rede de relações (ligada à formação de alianças, à vizinhança e ao parentesco)¹.

A escolha de cônjuges por parte dos migrantes se constituía em elemento pertinente para a pesquisa. Pretendia, então, desvendar o seu significado entre os migrantes e saber qual o valor que os informantes atribuem às práticas ligadas ao casamento, às alianças preferenciais para a realização do casamento, além de mapear a organização familiar neste grupo. Minha hipótese era a de que a escolha do cônjuge estava inserida numa lógica para manter a identidade de nordestino; ela ajudaria na adaptação no novo local, no sentido de que o sujeito procuraria, na medida do possível, manter-se próximo às tradições culturais de seu grupo.

O grupo social a ser estudado foi conformado a partir de um recorte geográfico - o Morro dos Prazeres, localizado no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro - e de um recorte determinado pelo espaço social ocupado por aqueles indivíduos. Ou seja, os informantes seriam principalmente migrantes que fizessem parte de uma mesma rede de relações sociais (Bott, 1976).

As redes de sociabilidade poderiam comportar relações de parentesco (consanguíneo e afim), relações de vizinhança e amizades que foram criadas no Rio de Janeiro. A análise da rede de parentesco parecia-me importante, pois ela seria o parâmetro para verificar se os nordestinos utilizavam mecanismos de adaptação ao novo meio social (Riddley, 1979). O Morro dos Prazeres foi escolhido por ter uma grande população de migrantes nordestinos e as situações ocorridas no trabalho de campo me levaram à construção de um novo objeto de investigação, tão instigante quanto o primeiro. O campo foi a "linha divisória" desse trabalho: ele transformou não só o objeto de pesquisa, mas também o modo como estava encarando meu papel enquanto pesquisadora. Esse momento da pesquisa configurou-se como um espaço para a reflexão sobre o trabalho de campo, que foi o marco divisor entre a elaboração teórica e as posteriores formulações intelectuais a respeito dos dados coletados. Desse modo, o convívio com os indivíduos e a observação do seu cotidiano trouxeram novos elementos à pesquisa, fazendo com que ela tomasse um outro rumo. A realidade se impôs

¹ Situação do migrante nordestino como um indivíduo discriminado visto muitas vezes através do estereótipo de "pau-de-arara" ou "paraíba".

sobre as formulações teóricas, fazendo com que este estudo fosse se encaminhando no sentido de analisar os assuntos que se apresentaram como mais importantes para o grupo estudado.

A situação vivida durante o trabalho de campo me mostrou o quanto são apropriadas às palavras de Cardoso, quando discute o trabalho de campo e o método na antropologia:

“A coleta de material não é apenas um momento de acumulação de informações, mas se combina com a reformulação de hipótese, com a descoberta de pistas novas que são elaboradas em novas entrevistas. Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário”. (Cardoso, 1986:101)

É esse processo da investigação antropológica, tal como o vivenciei durante a coleta de material, que pretendo descrever a seguir.

Comecei a fazer o trabalho de campo no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa². Pretendia entrevistar aproximadamente cinquenta pessoas e suas famílias, buscando dados sobre a migração; as razões para a saída do local de origem; a entrada no mercado de trabalho no Rio de Janeiro; a escolha de seu cônjuge; o casamento; e o relacionamento com a população carioca.

Cheguei ao Morro dos Prazeres através de conversas bastante informais que indicavam ali a presença de muitos migrantes sendo, por isso, chamado de “Morro dos Paraíbas”³ pelos moradores de Santa Teresa. Como não conhecia ninguém no local, recorri a uma moradora de um condomínio do bairro para que me levasse até o Morro e me apresentasse a algumas pessoas para iniciar o trabalho de campo, o que foi um pouco complicado: fui apresentada à professora de uma creche, cujas turmas eram repletas de filhos de migrantes, moradores do Morro. A idéia era conhecer as mães das crianças nos horários de entrada e de saída e marcar uma entrevista para outro momento mais apropriado. Entretanto, o que ocorreu foi uma série de desencontros. Eu não conseguia marcar nenhuma entrevista e ficava durante horas na creche, um pouco para conhecer e ser conhecida no local e também na esperança de falar

² Um dos bairros mais antigos da cidade, localizado no centro, que possui um quadro bastante heterogêneo pois tem casas onde reside a classe média em suas ruas principais mas há também algumas favelas bastante populosas.

³ Paraíba é uma denominação pejorativa que os cariocas dão a todos os migrantes vindos das regiões norte e nordeste do país.

com as mães no horário de saída das crianças. Esse período de espera me tomou vários dias, várias visitas à creche e uma boa dose de paciência. Porém houve uma compensação: enquanto permaneci na creche (inclusive ajudando à professora) pude conhecer Eliete, a mãe de uma criança que estava num período de adaptação. Depois de algumas tardes conversando ela se tornou minha principal informante.

Eliete nunca aceitou ser entrevistada, mas mesmo assim conversou comigo várias vezes: contava sobre o Morro dos Prazeres, sua população, os migrantes, sua família. Ela me apresentou a outros moradores e, a partir desse momento, passei a visitar outros lugares do Morro. Os primeiros entrevistados foram parentes de Eliete, moradores do Morro há mais de vinte anos, que falaram sobre a discriminação que sofriam dos outros moradores de Santa Teresa por serem “favelados e pobres”; eles falaram sobre sua chegada ao Rio de Janeiro e das dificuldades que enfrentaram para encontrar um lugar onde morar e um trabalho; e também do desejo de retornarem à “sua terra” assim que fosse possível.

Foi importante para mim, ter entrado em contato com essa família, pois me possibilitou conhecer e entrevistar uma dezena de migrantes moradores no local, isto porque os pais de Eliete eram muito conhecidos e estimados por seus vizinhos. As entrevistas foram feitas principalmente sob a forma de histórias de vida, embora tivesse elaborado um questionário com perguntas objetivas direcionadas ao meu tema. Sempre procurava dar um tom descontraído, informal, com o objetivo de me aproximar mais das pessoas e, conseqüentemente, obter maiores informações. Essa atitude se mostrou positiva, mas também produziu algumas horas de conversas (gravadas e transcritas) com assuntos totalmente distantes do tema.

Através dessas entrevistas consegui dados a respeito da escolha de cônjuges. Esses dados revelaram, que para alguns informantes, “*as mulheres cariocas não servem para casar*”; o casamento não tem mais valor; e que o fato de se casar com um negro não tem nenhum problema, “*mas só que o pessoal fala*”. Foram informações ricas, adquiridas após uma dose de insistência com as pessoas e persistência em continuar indo até o local mesmo quando sabia que dificilmente iria conseguir falar com alguém. Estava realmente satisfeita com o meu trabalho: já conhecia as pessoas, podia ir ao Morro sem necessitar de um “guia”, conseguia entrevistas e nelas era possível abordar a questão do casamento. Seguindo um ritmo de três entrevistas por dia chegaria ao meu objetivo de 50 entrevistas com tranquilidade.

Porém, o Morro dos Prazeres no ano anterior (1994) havia passado por um conflito entre duas quadrilhas que provocou algumas mortes, inclusive a do

presidente da associação de moradores. As notícias veiculadas pela imprensa eram que existia uma disputa pelo controle da venda de tóxico no local. Importante ressaltar que não obtive nenhuma informação sobre o fato através dos informantes. Durante o período em que lá estive, tudo estava calmo, o conflito parecia ter terminado mas o comércio de drogas continuava no Morro. Mesmo que ficassem em silêncio, o episódio anterior estava vivo na memória dos moradores. Em abril de 1995, o conflito foi reaceso no Morro, espalhando a violência e o medo entre os moradores; muitos falavam em se mudar, pois a situação havia se tornado insuportável. A polícia decidiu ocupar o Morro, visto que as disputas estavam tomando proporções assustadoras, levando o perigo não só para a população do Morro - bastante populosa - mas também para os bairros vizinhos, já que está situado no centro da cidade, num de seus pontos mais altos, elevando muitíssimo a possibilidade de acidentes e mortes com balas perdidas.

Depois do conflito e da intervenção da polícia do Morro criou-se um clima de medo e insegurança em todos aqueles que precisavam ir ao local. E, infelizmente, tornou-se praticamente impossível ir até lá com um gravador nas mãos, fazendo perguntas sobre a vida de pessoas que eu não conhecia. Havia também o risco iminente do recomeço do conflito enquanto eu estivesse em campo. Desse modo, ficou evidente que deveria mudar de bairro se quisesse dar prosseguimento à pesquisa.

Com pesar, passei a procurar outra localidade, que possuísse um número significativo de migrantes nordestinos para reiniciar a pesquisa. Com esse intuito fiz um levantamento das áreas que teriam o mesmo perfil, e também conversei com professores e pesquisadores, pois meu objetivo era o de ir para um bairro onde tivesse algum contato que facilitasse minha entrada no local e o acesso aos informantes. Depois de quatro semanas sem sucesso, resolvi mudar de tática: decidi ir a qualquer bairro, desde que lá houvesse um grupo de aproximadamente cinquenta migrantes nordestinos. Nessa busca, quase aleatória, fui ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE -, para procurar a localidade pretendida na cidade do Rio de Janeiro, lá me ofereceram a relação de alguns bairros com esse perfil mas também a indicação de que na Feira de São Cristóvão⁴ eu poderia obter algumas informações. Fui à Feira e conheci Marcelo, um paraibano, dono de uma barraca e morador de um bairro que possuía muitos migrantes. Segundo ele, na Comunidade Agrícola de Higienópolis “*só tem paraíba, quem não é paraíba é filho e lá não tem problemas de violência, não*”.

⁴ Feira tradicional do Rio de Janeiro com um comércio feito por nordestinos e com produtos voltados para esse público: comida típica, artigos vindos do nordeste, roupas, literatura de cordel, cantadores, repentistas, discos etc.

Comunidade Agrícola de Higienópolis: um novo "campo" e novas questões

Na Comunidade Agrícola de Higienópolis - CAH - encontrei-me novamente sozinha num lugar onde não conhecia ninguém. Marcelo havia me dito que não teria tempo para me apresentar a outros moradores, porque estava inaugurando seu "Bar Aconchego" no bairro, mas indicou-me a associação de moradores. Na associação conheci D. Elzia, a segunda secretária da associação, que me contou que a CAH tinha cinco anos, resultado de invasão de área abandonada há anos. Entre as pessoas que organizaram a ocupação estava o presidente da associação de moradores, que dividiu a área em lotes iguais, controlou o acesso a esses lotes e foi preso por ter invadido o terreno. Segundo D. Elzia, os moradores da comunidade foram construir suas casas para "fugir do aluguel"⁵. Pedi a ela que me apresentasse o presidente da associação - eu pretendia que ele fosse um informante privilegiado. Antes, entretanto, conheci Ana, a primeira secretária e braço direito do presidente. Ela se mostrou muito solícita em me apresentar a outros moradores, em fornecer as informações e estava entusiasmada com os projetos que seriam desenvolvidos pela associação de moradores: uma escola de alfabetização para adultos, atendimento médico e jurídico e recreação para as crianças que não tinham nenhuma atividade no local. Falei com Ana da intenção de entrevistar o presidente da associação de moradores e fomos até sua casa, onde funciona um restaurante (a "Pensão Maranhense"), localizada na entrada da comunidade, próximo a 21ª Delegacia de Polícia.

A CAH é um conjunto com aproximadamente 360 casas humildes de alvenaria, dividido em cinco ruas, sendo quatro delas demarcadas pelos próprios moradores. São ruas pequenas, estreitas, mas que permitem a passagem de um automóvel por vez, essas ruas ainda não foram asfaltadas, com exceção da Avenida Novo Rio⁶, pelo bairro de Bonsucesso (na zona norte da cidade). Em cada rua da comunidade existem aproximadamente 70 casas, em algumas ruas o esgoto corre a céu aberto e o mato cresce sem impedimento. Não há áreas de lazer, porém, existe um grande espaço desocupado onde as crianças aproveitam

⁵ Essa é uma das versões utilizadas pelos moradores da Comunidade Agrícola de Higienópolis para justificar a ocupação e a sua permanência na área.

⁶ Principal avenida de acesso ao Rio de Janeiro que possui inúmeras transversais permitindo a entrada a diferentes bairros das zonas norte e oeste da cidade.

para jogar futebol ou soltar pipas.

O comércio é relativamente grande: os moradores contam com um açougue, dois botequins, três "pensões" - como eles denominam os estabelecimentos que servem refeições -, um fliperama, uma loja de material de construção e duas oficinas de automóveis. Há ainda duas igrejas evangélicas e uma escola/creche. Além disso, seus moradores podem contar com o comércio bastante diversificado de Higienópolis, localizado a poucos metros da comunidade.

A CAH é vizinha do rio Faria-Timbó, famoso pelas enchentes nos bairros de Higienópolis, Bonsucesso e Jacaré. Algumas casas da comunidade enfrentam esse problema, mas a maioria delas foram construídas em áreas mais afastadas. A comunidade é vizinha também de um outro conglomerado de casas, mais antigo, chamado Vila São Pedro. Há uma rivalidade entre as associações de moradores das duas áreas, mas os moradores dizem dar-se bem e alguns afirmam que vieram da Vila São Pedro.

Os moradores da Comunidade Agrícola de Higienópolis ajudaram na construção de suas próprias casas, simples, muitas ainda por terminar, faltando reboco ou pintura. Os imóveis, geralmente, têm dois andares; a sala, a cozinha e o banheiro ficam no térreo e os quartos se localizam no segundo piso; ocupando toda a área determinada para a construção. As casas localizadas na área em frente ao bairro de Higienópolis (ao lado da 21ª DP) são maiores, têm quintal ou garagem, estão terminadas, com pintura e revestimento de azulejo, dentre essas casas está a do presidente da associação. Segundo os moradores, esta diferença se dá porque as maiores casas foram construídas pelos primeiros moradores a ocupar a área⁷ que tiveram mais oportunidades no momento de escolher e dividir os terrenos. Essas diferenças de estilo e tamanho são, algumas vezes, encaradas com bom humor pelos moradores que chamam este espaço de "zona sul" e seus moradores de "grã-finos" ou "madames", entretanto, há momentos em que essas diferenças são lembradas para falar dos privilégios que alguns moradores tiveram no momento de obter um terreno para construir.

Embora hoje não exista sequer uma pequena horta, essa comunidade tem o nome de "agrícola", pois foi idealizada em torno de uma horta comunitária, projeto que garantiu a construção das primeiras casas e a posterior divisão e ocupação de toda a área.

No final do ano de 1995 e em 1996 fiz constantes visitas à CAH, com

⁷ Esta diferença entre o tamanho dos terrenos é uma questão que causa atrito entre os moradores da comunidade.

o objetivo de conhecer e entrevistar seus moradores e observar a atuação da associação de moradores. Fiz minhas observações na pensão do presidente, que também servia de sede da associação, pois a sede estava ocupada por uma família de moradores desabrigados.

Eu chegava à pensão geralmente às 10 horas, muitas vezes almocei lá e mais tarde saía para alguma entrevista. Minha expectativa era a de que o presidente da associação se tornasse um informante privilegiado, entretanto, Raimundo passou a incumbência de me apresentar aos moradores para Ana e se manteve sempre à distância, demonstrando-se indiferente às minhas atividades no local. Ana foi um pouco mais receptiva, conseguimos construir uma pequena amizade, mas sua ajuda quanto à pesquisa foi pequena, ela também se mostrou pouco animada com a tarefa e me apresentou a poucas pessoas.

Na pensão do Raimundo conversei com vários moradores, principalmente homens que lá almoçavam. Solteiros, trabalhavam em obras (na construção da Linha Amarela e mais tarde no Projeto Favela-Bairro⁸). Eram humildes, com pouca instrução escolar e se esquivaram de uma entrevista, concordavam apenas em falar sobre temas gerais e não de suas vidas.

Por várias vezes fui até a comunidade sem conseguir entrevistar ninguém, isto porque alguns entrevistados não me apresentavam outros indivíduos de sua rede, então o "elo da corrente era quebrado". Nesses dias eu chegava, conversava com Ana e Amélia na pensão enquanto elas preparavam o almoço e mais tarde quando todos os clientes tinham sido atendidos (raras vezes consegui a atenção de Raimundo), observava os moradores que iam até a pensão para resolver seus problemas: correspondência, procura de casa para comprar ou alugar, a necessidade de vender sua casa, problemas entre vizinhos, reclamar do barulho na vizinhança etc.

A pensão de Raimundo fica em uma das entradas da comunidade, o que facilitava a observação da entrada e saída dos moradores, Ana e Amélia, quando terminava o movimento do almoço dos fregueses da pensão, sentavam-se e, olhando a rua, faziam comentários sobre aqueles que passavam, eram quase sempre "fofocas" que revelavam um pensamento moralista, preconceituoso e, algumas vezes, racista. Mulheres muito "arrumadas", moradores "sujos", negros

⁸ O Projeto Favela-Bairro foi realizado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e, segundo sua secretária, tem como objetivo sanear e urbanizar algumas das favelas da cidade.

⁹ A oposição "comunidade" x "favela" é determinante para a construção da identidade social desse grupo.

e nordestinos eram criticados. Apesar de, em alguns momentos, acionarem um discurso em que elogiavam a "comunidade", em detrimento das "favelas"⁹, quando se tratava dos moradores individualmente, o que era apontado eram os "defeitos" atribuídos aos pobres que moram no local.

Conheci vários moradores na comunidade e com alguns travei um bom relacionamento, mulheres que fui visitar apenas "para conversar". Eles me receberam muito bem, se interessaram em me ajudar e me apresentaram aos seus vizinhos. Entre eles, Rosângela que me contou sua vida em of (não permitiu que fosse gravada ou que constasse na pesquisa). Foram pessoas simpáticas que me deram boas informações sobre a comunidade, oferecendo também sua amizade.

No trabalho de campo, a partir da noção de rede de relações (Bott, 1976), busquei entrevistar indivíduos que pertencessem à mesma rede, meu objetivo foi o de entrevistar pessoas que tivessem um relacionamento de amizade, parentesco ou de vizinhança para facilitar o meu primeiro contato com os informantes. Julguei que essa fosse a melhor forma para uma aproximação já que não conhecia muitos moradores e não teria condições de permanecer por um período prolongado no campo. Utilizando a rede de relações como referência, era apresentada a um morador por um dos seus amigos ou vizinhos o que, sem dúvida, ajudava muito para conseguir as entrevistas e para que fosse ultrapassada uma possível barreira entre mim e o informante. Isso facilitou para que eu pudesse ir à casa das pessoas e retornar caso fosse necessário. Conhecendo as pessoas através desse tipo de recorte, tive contato também com pessoas que pertenciam a redes diferentes, pois alguns dos meus informantes eram muito conhecidos, se diziam amigos de "todo mundo". Um exemplo é o "Seu Buchudo", um homem alegre, falante, pedreiro, um dos primeiros moradores do local que prestou serviço para vários moradores para construírem suas casas. Entrar em contato com diferentes redes foi positivo, pois assim tive acesso a pessoas que estavam fora da rede de relações do presidente da associação e que tinham idéias divergentes das opiniões dele, por exemplo, sobre a atuação da associação de moradores. A utilização da noção de rede de relações foi útil para o desenvolvimento da pesquisa. Todavia, num primeiro momento, estar ligada a um informante para ser apresentada a outros se configurou num problema.

No início do trabalho de campo as pessoas que me apresentavam aos outros moradores eram representantes da associação de moradores, Ana (secretária) e Raimundo (presidente). Eles me acompanharam durante as minhas primeiras incursões no local, isso fez com que muitas pessoas me vissem como

uma funcionária da associação ou aliada dos seus representantes. Esse fato fez com que alguns moradores se esquivassem em responder perguntas referentes à associação ou sobre a atuação do seu presidente. Ser apresentada aos moradores por Ana tinha um outro aspecto: alguns moradores pensavam que eu fosse sua parenta, uma sobrinha ou prima. Eu via esse fato com certa preocupação pois sabia que ele poderia interferir na pesquisa, mas Ana brincava, dizendo que éramos "parentes e igualzinhas". É possível que, a partir do momento que eu me afastei de Ana e da associação, esta idéia tenha sido dissipada, pois os moradores não fizeram mais nenhuma observação desse tipo.

Talvez seja interessante abrir um pequeno parênteses para falar sobre o fato de eu ser negra e refletir se isso influenciou de alguma forma a pesquisa. Interessante porque geralmente as pessoas associam o saber, a pesquisa acadêmica às pessoas brancas, talvez mais ainda aos homens brancos, eu estaria fugindo a esse padrão. Mas durante todo o meu trabalho de campo não percebi qualquer alusão a minha cor que pudesse demonstrar resistência em me receber ou em falar comigo. Sempre que havia uma referência à minha cor era feita de maneira simpática, às vezes, diziam: "ô pretinha você está sumida"; "preta vem aqui domingo para a assembléia"; "essa roupa vai ficar boa em você que é pretinha". A minha cor não pareceu ter sido um impedimento para o bom andamento da pesquisa, nem para um relacionamento agradável com os moradores. Isso não pareceu ser um problema para que eles me encarassem como uma pesquisadora, talvez pelo fato de eu ter deixado isso bem claro desde o início do trabalho ou talvez porque muitos elementos do grupo também são negros¹⁰, assim, tínhamos em comum um elemento de identificação que influenciava positivamente no trabalho de campo.

Na maioria das vezes os entrevistados me receberam em suas casas, outras vezes falei com eles na "Pensão Maranhense". Fiz uma única entrevista na rua e foi com o irmão de Amélia, Osberg. Apenas uma vez me negaram uma entrevista sem justificativa. Foi constrangedor: fui apresentada ao dono da casa, falei o que pretendia, ele disse que não poderia me dar uma entrevista porque ia trabalhar, chamou sua esposa, que por sua vez disse não e os dois ficaram me olhando sem dizer mais nada, felizmente chegou um outro morador, que eu já conhecia e consegui sair daquela situação desagradável.

¹⁰ Não possuo dados sobre a etnia dos moradores, visto que essa informação não fazia parte dos dados disponíveis na associação e nem este trabalho levantou esta questão. Quanto à suposição de que há muitos negros no local ela foi feita a partir das minhas observações apenas.

Percebi que dentro desse grupo social, os nordestinos eram os entrevistados mais arredios, concediam a entrevista, porém não queriam maiores contatos, "um papinho" informal, onde pudessem fornecer mais informações. Com a maioria dos entrevistados nordestinos, ocorria que quanto mais íntimo - pessoal e familiar - o assunto da entrevista, menos eles falavam, quanto mais próxima à possibilidade de um comprometimento qualquer (dar sua opinião sobre a atuação da associação, por exemplo) mais eles se retraíam. Eles se sentiam à vontade e se mostravam falantes quando os temas das conversas eram abrangentes. Entrevistei vários nordestinos da comunidade e percebi esta "retração" com frequência. Um exemplo disto, foi à entrevista com Marcelo (o informante que havia me sugerido a comunidade como um bom local de trabalho porque é "muito calmo"). Um jovem paraibano, comerciante, que tem dois imóveis na comunidade: sua casa e um bar. Seu estabelecimento concorre com a pensão do Raimundo, vendendo refeições e tem música ao vivo nos finais de semana.

Marcelo foi gentil, desde a primeira vez em que fomos apresentados na Feira de São Cristóvão, mais tarde voltei a falar com ele para marcar uma entrevista. Cheguei ao seu restaurante no horário marcado, mas ele não estava e esta situação se repetiu algumas vezes. Quando consegui entrevistá-lo foi uma das entrevistas com mais informações sobre o local, migração ou a atuação da associação de moradores. Depois dessa entrevista, procurei manter um contato maior com ele, mas sem êxito. Meu informante mostrou-se esquivo, tratava-me com educação, mas de forma arredia. Esse tipo de comportamento me pareceu recorrente entre os informantes nordestinos, o que se caracterizou em um novo obstáculo para a realização do projeto de pesquisa original.

Infelizmente, esse não foi o único obstáculo. Como já foi dito anteriormente, o principal objetivo da pesquisa era fazer um estudo sobre organização familiar, escolha de cônjuge e casamento entre migrantes relacionando com a hipótese de uma possível estratégia de permanência no Rio de Janeiro. O casamento e a verificação de uma possível lógica na escolha de cônjuges seriam os temas privilegiados. Todavia, ao começar a entrevistar os moradores da comunidade, senti uma certa resistência em tratar sobre esses temas: a questão do casamento era tratada de forma rápida e inibida, alguns informantes se negavam a falar sobre o assunto com constrangimento.

Ao tentar falar sobre casamento, escolha de cônjuges e sua relação como a formação de uma identidade, sentia aumentar a reserva de meus entrevistados, era como se eles estranhassem minhas perguntas e não quisessem respondê-las. Isso teve um efeito desastroso sobre mim e não consegui transpor

este problema: cada vez que ele surgia eu também me retraía a respeito do tema. O resultado disto é que "casamento" surge nas entrevistas de forma bastante indireta, ele raramente é o tema central da conversa, surge em reclamações de esposas insatisfeitas, entre casais que estão juntos há muitos anos ou como parte dos planos de uma jovem. Talvez a reserva dos informantes em falar sobre o casamento tenha ocorrido porque esse é um tema referente a um espaço da intimidade, que, segundo eles, se resolve dentro de casa, no privado, e não deve ser discutido com desconhecidos.

Aliado a esse afastamento do tema original, o campo me trazia novas questões que poderiam ser desenvolvidas na pesquisa. Questões que se mostraram mais pertinentes na vida do grupo, pois frequentemente estavam presentes nas conversas, mas tinham também um viés contraditório. Pensar o casamento e a escolha de cônjuges, sem dúvida, é um tema interessante, porém, procurar entender como um grupo constrói sua identidade coletiva, a partir de categorias por eles mesmos organizadas, também desperta grande interesse e "curiosidade" antropológica. Foi imbuída desses sentimentos que encaminhei a pesquisa de campo para esse segundo tema.

Cheguei à Comunidade Agrícola de Higienópolis num momento crítico e de grande preocupação dos moradores no que dizia respeito à sua permanência na área. Eles estavam sob ameaça de terem que desocupá-la para a construção de uma via expressa, a Linha Amarela. Segundo me informaram, a desocupação seria necessária para que pudesse ser feita a manobra de máquinas, assim, a comunidade deveria ser totalmente desocupada, juntamente com algumas casas da Vila São Pedro. O momento era de medo e irritação, os moradores achavam que não deveriam sair. Mesmo o pagamento de uma indenização pelos imóveis construídos não era bem visto, pois afirmavam que, com o valor da indenização, não teriam condições de comprar outro imóvel naquele bairro. Sair da Comunidade Agrícola de Higienópolis era algo que nenhum morador gostaria de fazer.

Alguns moradores - inclusive o presidente e a secretária da associação de moradores - argumentavam que entre a comunidade e a Vila São Pedro era melhor que a segunda fosse removida porque era uma "favela", tinha casas de madeira, algumas muito próximas à margem do rio Faria-Timbó, havia violência e sujeira. Neste momento me chamou a atenção o fato de que eles se identificavam como "não-favelados", como uma "comunidade" e essas formas de identificação eram usadas como parte dos argumentos para a permanência no local. Esses fatos remetiam à construção de uma identidade, que se fazia mais latente nesse

momento de crise e confronto com o Estado e um outro grupo social.

Conseqüentemente, o objeto de estudo foi se configurando com base em outras questões: a construção e definição dos elementos da identidade social do grupo; a atuação da associação de moradores; e, finalmente, o processo de formação da "comunidade", dando maior atenção aos relatos sobre a ocupação da área.

Sentimento e Emoção: hóspedes não convidados

Durante o trabalho de campo na comunidade houve momentos em que a objetividade da pesquisa teve de ceder espaço à introdução de uma subjetividade inesperada. Como um elemento do "*anthropological blues*" (DaMatta, 1978), indesejável, desligado das normas teóricas que nos são ensinadas nos manuais de antropologia, surgiu uma relação "*fria*" entre mim e meus informantes.

Eu já contava com uma dificuldade no período de adaptação, quando meus informantes teriam que me conhecer para mais tarde vir a ter a confiança necessária para fazer seus relatos. O período necessário para adaptação se deu e o tratamento a mim dispensado continuou frio e distante, como conseqüência, minha atitude, que até então era de empatia e até de solidariedade, transformou-se em desconfiança.

Sentimentos que iam além das teorias antropológicas. Os sentimentos que eu nutria pela comunidade eram, no início, de simpatia e até uma certa admiração pelos seus moradores que se mostraram tão eficientes na tarefa de melhorar a comunidade. Porém, mais tarde, com o andamento da pesquisa, esses sentimentos foram substituídos por uma irritação e decepção. No princípio, pensei que eles fossem cooperar (principalmente os representantes da associação de moradores), com o meu trabalho mas o que houve foi uma pequena indiferença por parte deles. Aborrecia-me com a situação de ir até lá durante dias seguidos, sem conseguir uma única entrevista, sem conseguir ter com eles uma conversa "*mais interessante*" capaz de me revelar fatos novos ou resolver algumas dúvidas.

A partir do momento em que a afetividade e a admiração que nutria pelo grupo foi sendo substituída por uma sensação de decepção quanto às atitudes dos indivíduos com relação ao meu trabalho ou atuação do grupo na associação de moradores assumi uma postura de maior "desconfiança", estava num movimento na direção de inquirir mais, de procurar saber além do que eles me falavam.

A simpatia inicial tinha feito com que eu aceitasse, quase que

integralmente, o que me era relatado (sem maiores questionamentos). No momento em que essa situação se transformou, tudo se tornou objeto de dúvida. Fica claro que a substituição de sentimentos foi positiva para o trabalho, apesar de não ter sido intencional. Ter sido tratada de maneira indiferente contribuiu para a construção de uma visão mais crítica. Pude ver a Comunidade Agrícola de forma menos idealizada. Isso porque quando cheguei à comunidade tive uma impressão positiva: a associação de moradores era ativa, com associados participantes da vida do local e do grupo, havia uma união capaz de ajudar a solucionar os problemas quanto à permanência no lugar, tratava-se de uma história de luta e resistência contra instituições públicas e alguns setores privados para se manterem na área.

Sem dúvida os sentimentos de indiferença - por parte dos informantes - e de desconfiança e frustração - de minha parte, não foram convidados quando me dispus a realizar um trabalho de campo. Eles se insinuaram a partir da relação estabelecida em campo, como reflexo de uma relação dinâmica, múltipla, composta por vários elementos que se colocaram além do meu controle.

Talvez uma das causas da indisposição dos moradores da comunidade em me concederem entrevistas pode estar ligada ao fato deles terem sido entrevistados ou cadastrados por três instituições diferentes num curto intervalo, foram cadastrados pela Secretaria Estadual de Habitação - SEH -, pela Secretaria Municipal de Obras - SMO -, e pela associação de moradores. Muitos reclamaram: *“o pessoal pergunta, pergunta, fala, fala e não resolve nada”*; ou estivesse ligada ao sentimento de insatisfação que muitos moradores nutriam pela associação de moradores e que transferiram para mim, pois meu ponto de partida para entrar na comunidade foi à associação.

O Familiar e o Exótico

A situação de uma ocupação ou uma de área de favela é muito frequente no Rio de Janeiro. Praticamente em todos os bairros é possível ver e até mesmo conviver com grupos de indivíduos pauperizados morando em áreas sem os serviços públicos mais elementares. Entretanto, existe uma diferença entre o que é conhecido e o familiar; no primeiro conhecemos, pode-se reconhecer entre outros tipos de aglomeração, mas sem saber a fundo quais são as suas características, sem se relacionar diretamente com seus componentes. Analisar algumas relações sociais e a identidade coletiva da Comunidade Agrícola de Higienópolis foi uma possibilidade de estudar uma situação recorrente, mas que

estava longe de me ser familiar.

A Comunidade Agrícola de Higienópolis pode ser encarada como uma situação familiar pois se localiza na mesma cidade em que moro, conheço vários grupos com características semelhantes, porque falam meu idioma etc. Porém, esses dados não tornam o grupo um familiar. Alguns de seus hábitos, experiências e, principalmente, o conhecimento da lógica que permeia o grupo com relação à construção de uma identidade social era para mim exóticas, havia uma "distância social" (Velho, 1978), na maneira como nos portávamos, por exemplo. Éramos indivíduos de uma mesma sociedade, mas de grupos sociais (ou classes sociais) diferentes, o estranhamento esteve presente: tive de me adaptar ao modo como falavam, participavam das conversas, como utilizavam seu tempo, como nomeavam as pessoas e os outros grupos ou, ainda, como se referiam às outras "comunidades", bairros, associações ou instituições. O estranhamento acontecia, por exemplo, durante a participação nas conversas quando era comum a interferência na fala uns dos outros, até mesmo mudando de assunto sem que isso representasse um problema para o entendimento do assunto ou quando faziam uma espécie de conversa coletiva, onde várias pessoas falavam ao mesmo tempo e mesmo aquelas que estavam mais distantes participavam ou, ainda, quando simplesmente falavam de determinado assunto somente para que um terceiro indivíduo escutasse. É claro que este último fato é comum, mas quando não se está a par do fato por completo, quando não se conhece todos os envolvidos fica-se totalmente sem saber porque determinado assunto é abordado e com a leve sensação de que alguém é um tolo e, em muitas vezes, essa carapuça me coube muito bem.

Os acontecimentos que relatei acima, sobre a sensação de estranhamento que senti algumas vezes durante o trabalho de campo vão ao encontro de que afirma Velho:

"Dentro da grande metrópole, seja Nova Iorque, Paris ou Rio de Janeiro há descontinuidade vigorosa entre o "mundo" do pesquisador e outros mundos, fazendo com que ele, mesmo sendo nova-iorquino, parisiense ou carioca, possa ter experiência de estranheza, não reconhecimento ou até choques culturais comparáveis a viagens à sociedade e às regiões "exóticas". (Velho, 1978:40)

Esses acontecimentos mostram como grupos residentes na mesma cidade podem ter uma forma diferente de organização, que se reflete, inclusive, no modo como os integrantes dos grupos falam. O convívio com esse grupo de

moradores demonstra que o exótico também está próximo a nós, que é possível passar por várias experiências de estranheza. Essas diferenças revelam uma organização particular, com códigos próprios, acionada pelos indivíduos nos momentos em que julgam convenientes de acordo com diferentes objetivos. Assim, percebi também que essa "fala diferente" era utilizada, esporádica e intencionalmente, para que eu não participasse da conversa.

Mas, a despeito de todos os problemas relacionados a um estranhamento com o grupo estudado, essa fase é parte indispensável e necessária na tarefa de realizar uma observação direta, pois ela é uma forma de compreender o outro (Cardoso, 1986). Através do estranhamento ficamos mais atentos, perguntamos mais, temos nossa curiosidade ainda mais voltada para o exercício de tentar apreender as relações sociais realizadas dentro do grupo.

Conseqüentemente, pode-se perceber que falar a mesma língua (para fazer uma comparação com os trabalhos antropológicos que analisam as sociedades ditas primitivas, possuidoras de um idioma próprio) não significa a exclusão de diferenças, visto que significados e interpretações diferentes podem ser dadas às mesmas palavras. Também não excluem as diferenças nos comportamentos, causando uma distância entre o pesquisador e o grupo, mas ela pode e deve ser vencida para um bom andamento da pesquisa - o exótico deve tornar-se familiar (DaMatta, 1978) - e, para tanto, a convivência entre os dois é indispensável. Sem dúvida nenhuma o trabalho de campo apresenta dificuldades e fatos inesperados, mas se trata de um elemento privilegiado para a coleta de informações e para a percepção do grupo de forma direta e enriquecedora, oferecendo subsídios para comprovar hipóteses, descobrir fatos novos e responder a questões (algumas questões surgem durante o trabalho de campo), como por exemplo: por quê uma comunidade, sem ter sequer uma pequena horta, se intitula "agrícola"? Por quê, apesar de vários pontos em comum com algumas das favelas cariocas, seus moradores fazem questão de identificá-la como uma "comunidade"? Quais são os elementos que unem estes indivíduos na idéia de comunidade? Quais são os elementos conformadores da identidade social de "moradores de comunidade"? Procurei responder a essas perguntas através de outro trabalho (Araújo, 1997) por hora fica a reflexão sobre o trabalho de campo e a certeza de que, apesar dos seus percalços, ele é sempre enriquecedor.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, M. C. Projeto de Dissertação: **Um estudo sobre casamento e relações de parentesco entre um grupo de migrantes no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, nov. 1994. Mimeo.

_____. **Quando a comunidade não quer ser favela. Estudo sobre a construção da identidade social de “moradores de comunidade” numa ocupação de terras no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, set. 1997. Mimeo.

BOTT, E. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CARDOSO, R. C. L. (org.) **Aventura Antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 69-92, 1986.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo ou como ter “anthropological blues”.

NUNES, E. O. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RIDLEY, D. **Uma Mão Lavando Outra e as Duas Banham o Rosto: um estudo de redes de parentesco como uma solução estratégica dentro do contexto da migração**. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade de Brasília, Distrito Federal.

VELHO, G. **A Utopia Urbana - Um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.